



REFUNCIONALIZAÇÃO DO CENTRO DE SÃO LUÍS E A RELAÇÃO TEMPO E ESPAÇO

Matheus Andrade Marques¹

RESUMO

O texto apresenta uma discussão a despeito do Centro de São Luís (Maranhão, Brasil), dando ênfase ao seu Centro, elencando os principais usos e funcionalidades presentes nessa área ao longo do tempo, de modo a destacar as permanências e transformações desse lugar. Nesse contexto, fez-se uso de uma abordagem por meio da Geografia Histórica, caracterizando o Centro em séculos anteriores, assim, identificando agentes e processos responsáveis pela alternância ou preservação de suas dinâmicas, este exercício contribuiu para melhor interpretarmos o quadro contemporâneo desse local. Como etapas metodológicas, utilizou-se de aporte iconográfico, documental, investigação bibliográfica, elaboração de mapa, além de atividades de campo. Como resultados, constatou-se que alguns usos e funções foram alterados em razão de distintas dinâmicas concernentes à urbanização de São Luís. Por outro lado, algumas atividades permanecem no Centro desde o período colonial, aspecto que confere a este lugar um dinamismo ímpar no meio urbano ludovicense.

Palavras-chave: Cidade, Transformações e permanências, Ilha do Maranhão.

RESUMEN

El texto presenta una discusión sobre el Centro de São Luís (Maranhão, Brasil), con énfasis en su Centro, enumerando los principales usos y funcionalidades presentes en esta área a lo largo del tiempo, con el fin de destacar la permanencia y las transformaciones de este lugar. En este contexto, se utilizó un enfoque de geografía histórica para caracterizar el centro en siglos anteriores, identificando agentes y procesos responsables de la alternancia o preservación de su dinámica, lo que nos ayudó a interpretar mejor la imagen contemporánea de este lugar. Las etapas metodológicas utilizadas fueron la iconografía, la documentación, la investigación bibliográfica, la cartografía y el trabajo de campo. Los resultados mostraron que algunos usos y funciones han cambiado debido a las diferentes dinámicas de urbanización de São Luís. Por otro lado, algunas actividades han permanecido en el Centro desde la época colonial, aspecto que confiere a este lugar un dinamismo único en el entorno urbano de São Luís.

Palabras clave: Ciudad, Transformaciones y permanencia, Isla de Maranhão.

INTRODUÇÃO

A configuração paisagística das cidades revela a história desses lugares, em virtude de expressarem elementos que representam distintas épocas, usos e dinâmicas vivenciadas por

¹ Doutorando pelo Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará – UFC, bolsista pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP, marquem93@hotmail.com.

estes espaços. Nesse contexto, essas áreas se apresentam como importantes campos de investigação para a Geografia, que se interessa pelo dinamismo existente no espaço geográfico.

Deste modo, o presente artigo apresenta um exercício analítico a despeito desse referido panorama, através de um estudo de caso executado em São Luís (Maranhão). De maneira mais específica, o cerne de nossa discussão está direcionado para o Centro da capital maranhense, espaço onde fora iniciada e desenvolvida a vida urbana ludovicense.

A opção pela região central da urbe, se deu também em razão da salvaguarda por parte de seu Centro, de um conjunto arquitetônico de origem portuguesa que fora constituído durante o período de colonização lusa no Brasil. Assim, a presença até os dias atuais dessas construções, conferem ao Centro de São Luís um dinamismo ímpar dentro do espaço urbano da capital, fator que nos chamou atenção e culminou na elaboração do presente estudo.

A singularidade deste lugar está posta em razão da paisagem identificada no Centro, são construções provenientes dos séculos XVIII e XIX, principalmente, que resguardam a historicidade de uma outra São Luís, de um outro modelo de sociedade, de outras funcionalidades. Junta-se a isto, a presença de atividades relacionadas a um período mais recente, entre as quais, se destaca o uso turístico do Centro. A atividade comercial também é um elemento que se incorpora a este fenômeno, embora já estivesse presente em séculos antecessores, atualmente ela foi reestruturada, e se apresenta a partir do papel executado por comerciantes do ramo do artesanato, bares, restaurantes e outros.

Assim, almejou-se com a construção dessa investigação a execução de uma discussão a despeito da relação espaço/tempo no Centro de São Luís, no sentido de evidenciar as alternâncias referentes aos usos e funções desse local ao longo dos anos. Pois a funcionalidade primária do Centro, após a fundação da capital em 1612, estava condicionada a concentrar todas as atividades presentes no local, uma vez que o Centro, naquele momento, não era concebido como tal, este núcleo era a cidade, era nessa ambiência que estavam contidas as relações, atividades, dinâmicas e todos os demais elementos que compunham o que até aquele momento, era São Luís.

Somente durante os séculos seguintes o supracitado cenário é alterado de forma mais significativa, em virtude da execução de algumas políticas públicas que convergem para a expansão urbana da capital, fazendo com que outras áreas da ilha sejam ocupadas e urbanizadas, culminando dessa forma, em uma reorganização espacial do Centro, que passa a perder a sua supremacia, resultando assim, em um período caracterizado pelo seu esquecimento por parte de grande parte da população local, que passa a optar em residir em outros bairros em detrimento do Centro. Em razão dessa conjuntura, o Centro deixa de ser a cidade, uma vez que outras áreas

de São Luís também passam a ser vislumbradas como zonas propícias aos usos habitacional, comercial, industrial e de outras atividades.

Destarte, é a partir desse momento que se inicia no Centro o processo de transformação cujo o presente estudo almeja analisar. Essa realidade está relacionada ao período de esquecimento da região central, e posteriormente a implementação de algumas políticas públicas que contribuem para melhorias no âmbito da infraestrutura do Centro. Assim, a área volta a adquirir relevância para a população local e também de um modo geral, em razão de alguns aspectos, como por exemplo: a titulação de patrimônio cultural da humanidade reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em 1997.

Em razão desse contexto, o Centro de São Luís que já havia deixado de ser a cidade, passa a incorporar outras funcionalidades, entre as quais o turismo possui notoriedade. A difusão da região central como patrimônio é um outro aspecto que chama atenção, pois além de colaborar para a salvaguarda do conjunto arquitetônico presente no local, também estabelece um outro tipo de relação do ludovicense para com essa área da urbe, que passa a ser concebida como histórica.

METODOLOGIA

A metodologia está alicerçada em uma abordagem proveniente da Geografia Histórica, uma vez que nos propusemos a realizar uma análise sobre períodos distintos do Centro de São Luís, evidenciando assim o dinamismo do espaço geográfico, por meio de um olhar diacrônico do local (VASCONCELOS, 2016), que almejou enfatizar a relação espacial e temporal no/do Centro a partir de seus usos e funcionalidades.

Segundo Abreu (1998) o passado é um aspecto que se faz presente mesmo nas sociedades contemporâneas, as construções que compõem a paisagem urbana são uma forma de expressar essa presença. Deste modo, compreender as motivações que contribuem para a presença desses elementos antepassados ainda hoje no meio urbano, é uma tarefa que obrigatoriamente nos faz recorrer ao fator histórico.

Ainda de acordo com Abreu (1998), São Paulo e Rio de Janeiro são exemplificações desse fenômeno, pois embora estejam entre as cidades mais antigas do país, não preservaram em suas paisagens, conjuntos arquitetônicos semelhantes aos identificados em Olinda e Salvador. Este fato se justifica em razão de uma dinâmica econômica, na qual as capitais paulista e carioca concentraram as principais indústrias, infraestrutura e demais serviços. Tendo

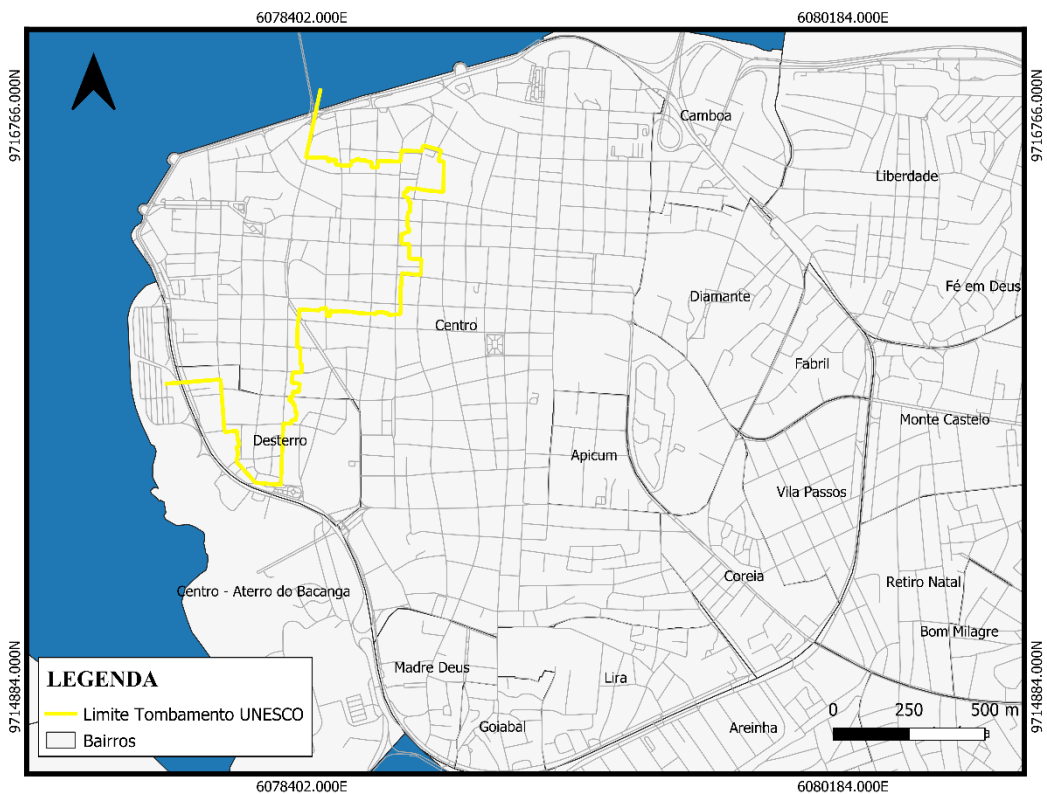


dessa forma que readequarem seus territórios para atender essas novas demandas. O mesmo não ocorreu em Salvador e Olinda, que passaram por uma estagnação econômica, após o período de colonização e exploração, sobretudo, da cana-de-açúcar.

Os exemplos expressos explicam as distintas dinâmicas, relações e funcionalidades das cidades brasileiras. No tocante à São Luís, nos parece que o cenário vivenciado está posto tal qual os casos de Salvador e Olinda. Entretanto, mesmo em cenários semelhantes, a investigação de aspectos históricos nos fornecerão detalhes particulares sobre essas áreas, este foi um anseio que desejou-se concretizar, no concernente ao Centro de São Luís, com a construção dessa pesquisa.

De modo a delimitar nosso recorte espacial de investigação, nossa análise foi centrada na região do Centro que detém o tombamento da UNESCO, visando observar o conjunto arquitetônico preservado no local, além de discutir seus usos e funções ao longo do tempo. No Mapa 1 podemos observar a referida área demarcada:

Mapa 1 – Área de tombamento da UNESCO, no Centro de São Luís (MA).



Elaborado por: Matheus Andrade Marques (2023).
Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).
Sistema de Coordenadas Geográficas: DATUM, Sirgas 2000.

Fonte: Base de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019). Elabora pelo autor (2023).

Portanto, a discussão apresentada durante o presente manuscrito, está limitada espacialmente à realidade da área resguardada pelo tombamento de nível internacional. Essa opção se justifica em função dessa zona abrigar um conjunto relevante de edificações que estão preservadas, atuação importante de comerciantes e também é palco de ações do poder público relacionadas a disseminação de atividades de cunho turístico e recreativas.

Assim, além do uso da abordagem da Geografia Histórica, cumpriu-se como etapas metodológicas também: trabalhos de campo, executados no Centro de São Luís. A fim de observar a ocupação dos edifícios presentes no local, identificando atividades como a comercial, uso habitacional, turística e de lazer. Neste momento, também fora constituído base iconográfica, a partir de registros fotográficos adquiridos durante o reconhecimento de ruas, praças e demais espaços do Centro.

O CENTRO PRIMÁRIO (XVII – XIX)

Ao longo da presente seção, nosso intuito é apresentar através de um exercício sintético a caracterização das principais funções e usos do Centro de São Luís durante os séculos XVII, XVIII e XIX. Assim, demonstrando os mais relevantes, em nossa acepção, abordando suas contribuições para a época, bem como suas transformações e permanências.

De modo primário, Burnett (2011) declara que o Centro de São Luís já exercia distintas funcionalidades, no tocante ao seu processo formativo, quando fundada a capital maranhense. Nesse sentido, o viés religioso deteve papel importante para a fundação, uma vez que os franceses organizaram uma missa, celebrada por padres capuchinhos, que haviam aportado na ilha do Maranhão, juntamente com o restante da expedição, em 1612. A missa serviu como marco para a fundação de São Luís.

Ainda a despeito do aspecto religioso, convém realçar o importante número de igrejas que estão presentes por todo o Centro da capital maranhense até os dias atuais, demonstrando dessa forma, a força que deteve essa vertente para o processo de formação do que viria a ser a cidade de São Luís (MEIRELES, 2015).

Um outro elemento importante a ser destacado, é a construção de fortificações, em razão da posição geográfica privilegiada da ilha, que possibilita aos ludovicenses avistarem do seu Centro quaisquer aproximações de eventuais embarcações pelo mar. A Figura 1 demonstra uma carta de São Luís no século XVII, onde é possível identificar o traçado urbano e alguns fortes situados no litoral ludovicense.



Figura 1 – Fortificações na ilha do Maranhão (Século XVII).



Fonte: Fonte: Instituto Pró-Memória do Maranhão (2019). Elaboração do autor (2023).

Como apresentado na Figura 1, podemos observar, de acordo com a sinalização em amarelo, a presença dos fortes de São Francisco e do Bonfim, realidade que demonstra a preocupação por parte dos colonizadores em salvaguardar o território da ilha. No centro da carta têm-se o traçado urbano da ilha, área de início do processo de ocupação e desenvolvimento urbano de todo o território ludovicense, este local é onde atualmente está situado o Centro da capital maranhense.

Além da função militar, concernente à presença de fortificações no litoral ludovicense, a ilha em função da composição de um núcleo urbano inicial, passou a desenvolver outras atividades, entre as quais, realçamos a portuária como uma das mais relevantes para a economia local nos primeiros séculos de urbanização (SIMONSEN, 2005).

O porto de São Luís se consolida como importante vetor econômico a partir da presença de colonos europeus em solo ludovicense, sejam estes franceses, holandeses ou portugueses, todos tiveram determinada importância para o processo de desenvolvimento da função portuária da urbe. A localização do porto estava situada nas proximidades da primeira área de ocupação da ilha, ou seja, nas imediações do Centro, que naquele momento, era a cidade.

De modo mais preciso, o porto fora instalado na área que atualmente compreende à Avenida Beira Mar, uma das principais vias presentes no Centro de São Luís. Era através do

portos que eram comercializadas as principais mercadorias que eram produzidas em território ludovicense, bem como a chegada de produtos que eram importados de outros lugares (MEIRELES, 2015).

Assim, a função portuária adquiriu papel fundamental para o desenvolvimento da vida urbana de São Luís, sendo relevante até mesmo para a composição do conjunto arquitetônico de origem portuguesa presente no Centro da capital, uma vez que inúmeros materiais foram transportados de Portugal para a ilha do Maranhão para a construção das edificações ludovicenses, entre esses, os azulejos de origem europeia que compõem a faixa de inúmeras construções possuem maior notoriedade (SILVA, 2012). Além disso, a função portuária adquiriu pertinência também para a difusão de outras funções presentes no Centro de São Luís ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX, como por exemplo, a comercial.

Conforme Silva (2012), o comércio detinha uma ligação intrínseca com o porto de São Luís, em razão de ambos estabeleceram ao longo do tempo uma relação de interdependência, os produtos comercializados como algodão, arroz e demais agrícolas eram escoados pelo porto ludovicense. Em contrapartida, outras mercadorias que não eram produzidas no Maranhão, chegavam pelo porto para os comerciantes locais, que adquiriam essas e comercializavam com a população maranhense, entre esses, destacam-se especiarias, advindas, sobretudo, de Portugal.

A rede comercial de São Luís se concentrava nas imediações do porto, onde os produtos chegavam e/ou eram exportados. Assim, as construções presentes no Centro detinham o uso comercial, propiciando com que os moradores da ilha pudessem adquirir os mais variados tipos de produtos. De certo modo, essa é uma função que ainda permanece no local até as primeiras décadas do século XXI, embora algumas alternâncias possam ser identificadas. Um dos principais representantes dessa vertente, é o Mercado da Praia Grande, ou “Mercado das Tulhas”, como é popularmente reconhecido. Este espaço público surgiu durante o século XIX, e detinha a função de abrigar os comerciantes locais, que comercializavam suas mercadorias.

Nesse contexto, o abastecimento de produtos e dinamização da economia da população ludovicense, estava condicionada a relação comercial e portuária. Convém ressaltarmos que poderíamos fazer uso de outros mercados/feiras presentes no Centro ludovicense que também possuem importância histórica, mas em razão da opção por delimitar nossa investigação com base nos limites de tombamento da UNESCO, apresentamos o referido mercado, que está situado dentro da área analisada. A Figura 2 demonstra atualmente a localização do mercado, assim como a zona onde estava situada o antigo porto de São Luís.



Figura 2 – Localização do antigo porto e Mercado das Tulhas, no Centro de São Luís (2023).



Fonte: *Google Earth* (2023). Organização do autor (2023).

Como apresentado na Figura 2, as áreas estão próximas, a demarcação em amarelo aponta o Mercado das Tulhas; já a delimitação em vermelho, realça a região onde se encontrava o antigo porto. Entretanto, apenas o mercado permanece atualmente no Centro, o porto de São Luís foi realocado para a zona portuária que foi constituída durante o período de expansão urbana e descentralização da capital maranhense. Nas proximidades da região onde estava presente o antigo porto ludovicense, têm-se nos dias atuais um terminal hidroviário, que fornece a possibilidade para a população local de se deslocar de São Luís até o município de Alcântara através de embarcações.

A função habitacional também merece menção, durante este exercício de caracterização do Centro nos primeiros séculos de vida urbana em São Luís, bem como o comércio, este segmento também se organizou espacialmente nas proximidades do porto. A população se concentrava na zona que atualmente compreende os limites referentes ao tombamento da UNESCO, fator que também contribuiu para nossa delimitação de recorte investigativo.

Um outro ponto que chama atenção, diz respeito, principalmente, às décadas dos séculos XVIII e XIX, momento em que fora constituído grande parte do conjunto arquitetônico de origem portuguesa, ainda presente no Centro de São Luís. Algumas dessas edificações

possuem três pavimentos, sendo estes utilizados com base em uma tendência, de modo que o térreo detinha seu uso voltado ao comércio; o segundo andar era o espaço habitacional, ou seja, onde as famílias residiam; e ainda havia um terceiro pavimento, que servia de alojamento para os escravizados (FIGUEIREDO, 2014). A Figura 3 apresenta um casarão no Centro de São Luís atualmente, a fim de demonstrar a supracitada narrativa.

Figura 3 – Casarão de três pavimentos no Centro de São Luís (2023).



Fonte: Autor (2023).

Convém elucidar que o tipo de construção apresentado na Figura 3, foi um modelo utilizado, sobretudo, por famílias de maior poder econômico, a elite social composta em sua grande parte por portugueses, eram os principais detentores desse modelo de casarão. As demais famílias ludovicenses residiam em construções mais modestas. A função administrativa é outra que requer atenção durante a execução desse exercício de discutir o Centro de São Luís durante os séculos iniciais de ocupação da ilha.

Desde os primórdios de fundação francesa, percebeu-se a necessidade de constituir espaços voltados à administração do território. Este ideário foi seguido por holandeses e principalmente pela Coroa portuguesa. Nesse contexto, apontamos a criação, em 1919, pelos portugueses, da casa que atualmente é concebida como Câmara Municipal do Município de São

Luis, Vale destacar que no período colonial, as Câmaras detinham um papel importante no que se refere à gestão e manutenção das vilas e cidades. Portanto, a ilha do Maranhão requeria a instauração desse órgão para gerir o local com base nos interesses lusos.

Ainda a despeito da função administrativa, apontamos a sede do Governo do Estado do Maranhão, o atual Palácio dos Leões e a sede da Prefeitura Municipal de São Luís, o Palácio *La Ravardière*, ambos construídos durante o século XVII. Os dois palácios ainda estão localizados no Centro de São Luís até os dias atuais. Além dessas funções, destacamos também os usos recreativos, que se concentravam, sobretudo, nas praças públicas que estão presentes por todo o Centro ludovicense.

Como exposto, o Centro de São Luís centralizava um importante número de atividades desde os primórdios da ocupação e desenvolvimento da ilha do Maranhão. Isto se explica pela concentração da população, que residia na zona que atualmente é concebida como Centro, a cidade era ali, era o local onde todas as atividades e demais dinâmicas aconteciam. O referido quadro somente é alterado durante o século XX, como estaremos a observar na seção seguinte.

O CENTRO CONTEMPORÂNEO: TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS (XX-XXI)

A realidade atual do Centro ludovicense está alicerçada em um novo contexto urbano, no qual a capital maranhense observa ao longo do século XX, mas que também se estende até as primeiras décadas do XXI. Dessa forma, a cidade deixa de ser o Centro, a ocupação territorial da ilha é expandida, assim como a oferta de serviços e demais atividades que anteriormente se concentravam nos limites territoriais da região que se apreende por Centro atualmente.

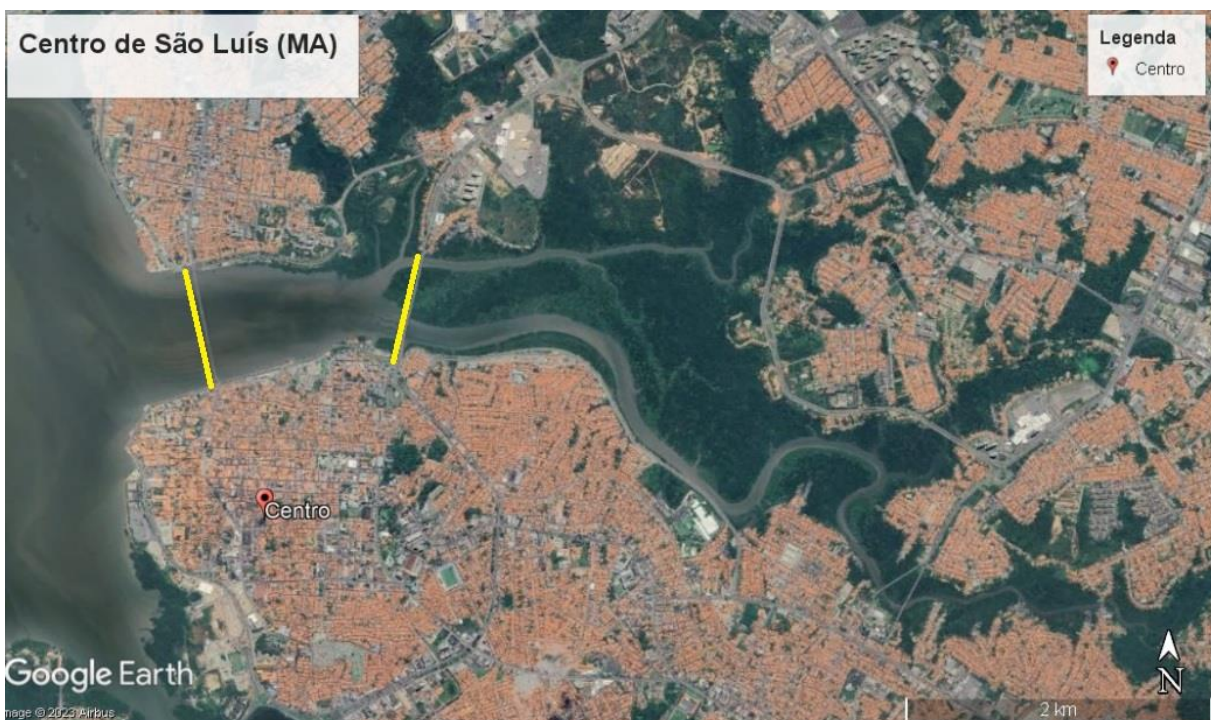
Para melhor compreender tal transformação, é pertinente apontarmos que até meados do século XX, o Centro de São Luís representava até então, aquilo que era concebido como ‘a cidade’. Em virtude de concentrar majoritariamente a população da ilha, ofertar a maior variedade de serviços, abrigar sedes de órgãos governamentais, porto, igrejas, melhores infraestruturas e demais aspectos relativos à vida urbana.

Somente a partir da segunda metade do século XX é que este quadro passa a ser modificado com maior intensidade, em função da execução de algumas ações, sobretudo, do poder público que convergiram para o aceleramento do processo de expansão urbana, que culminou em uma nova composição do espaço urbano ludovicense (FERREIRA, 2014).



A partir da década de 1970, com a concretização de obras de infraestrutura como as pontes Governador José Sarney e a Bandeira Tribuzi (Figura 4), além da barragem do Bacanga, ocorre um processo de desconcentração populacional no Centro de São Luís. Isto acontece em virtude da urbanização de outras áreas da ilha, que até então, eram pouco ou não exploradas (LOPES, 2016). Nesse sentido, possuem maior notoriedade o litoral norte de São Luís e a área Itaqui Bacanga, que passam a receber inúmeras famílias ludovicenses que residiam no Centro ou no interior do estado.

Figura 4 – Centro de São Luís e as pontes Governador José Sarney e Bandeira Tribuzi.



Fonte: *Google Earth* (2023). Organização do autor (2023).

Como demonstra a Figura 4, a construção das pontes foi fator primordial para que o Centro deixasse de ser a cidade, uma vez que até o surgimento dessas estruturas, a população local estava concentrada na área central, em razão, principalmente, das limitações geográficas impostas pelos rios Anil e Bacanga, que dificultavam a exploração de outras partes do território da ilha do Maranhão.

Assim, com o surgimento das pontes ao longo da segunda metade do século XX, este panorama é alternado, fazendo com que as famílias residentes no Centro, deixem essa área e se desloquem para outras partes de São Luís. Como implicações desse período, temos o surgimento de novos bairros, maior ocupação das zonas de praias (litoral norte),

descentralização de serviços e urbanização de outras áreas da ilha. Todos estes fatores contribuem para que o Centro da capital maranhense perca relevância.

Nesse contexto, no âmbito da habitação, conforme destaca Lopes (2016), de 1970 até a década de 1990 alguns novos bairros surgiram no espaço urbano da capital, provenientes de ações relacionadas a difusão de políticas de habitação, por meio de financiamentos do Banco Nacional de Habitação (BNH), deste modo, alguns bairros como Cohab, Cohatrac e Vinhais surgem e passam a receber famílias ludovicenses, que agora possuem outras opções de moradia, além da região central da capital.

A iniciativa privada também possui papel de destaque durante o processo de expansão urbana ludovicense, atuando sobretudo, nas imediações do litoral norte, ou seja, na zona das principais praias da urbe (PRADO, 2016). Este fato está condicionado a uma tendência nacional e também mundial, na qual essas áreas passam a adquirir uma apreciação por parte dos grupos sociais, que até então, não possuíam.

Assim, a habitação, o lazer e o turismo são aspectos que passam a ser incorporados nesses espaços, por meio da construção de um aparato infraestrutural que possibilite a ocupação e uso dessas ambiências como zonas de moradia e também de práticas recreativas. Com relação a este quadro, destaca-se a atuação de agentes de capital privado, que direcionam importantes investimentos ao litoral norte de São Luís, constituindo dessa forma, uma nova composição paisagística para essa parte do território da ilha, na qual o padrão arquitetônico de construções verticais passa a predominar, aspecto que se contrasta com a paisagem presente no Centro. Na Figura 5 podemos observar o contraste das paisagens.



Figura 5 – Paisagem do Centro e ao fundo a verticalização no litoral norte de São Luís.



Fonte: Autor (2023).

Como evidencia a Figura 5, no Centro existe a predominância de edificações constituídas durante o período colonial; já ao fundo, após o surgimento da ponte Governador José Sarney, também ilustrada, percebe-se a sua relevância para a ocupação do litoral norte, que apresenta uma configuração paisagística moderna, se comparada com a presente na região central da capital.

Cabe ainda ressaltar que no caso referente ao litoral norte, a ocupação dessa área se dá a partir de uma elite local, que anteriormente residia no Centro, mas em virtude da expansão urbana, se deslocou para as zonas de praias, contribuindo para que essa fosse transformada na principal área residencial para os grupos de maior poderio econômico da ilha. Já as famílias pobres, também seguiram o fluxo migratório da expansão urbana, porém, se direcionaram para outros bairros que surgiram no entorno do Centro, na região interiorana da ilha ou também nas proximidades do litoral, todavia, num segundo plano, mais afastadas das zonas ocupadas pelas famílias abastadas (MARTINS, 2012).

Este fato é importante para compreendermos o quadro concernente ao Centro, após o processo de expansão urbana da ilha, pois a função habitacional perde relevância, em decorrência da opção por parte da população em migrar para outros bairros que passam a surgir. Como já exposto, em séculos antepassados o Centro era a cidade, isto implica em uma concentração populacional, realidade que não perdura ao longo dos séculos XX e XXI, em



função do Centro deixar de ser a cidade, e ser concebido apenas como um bairro, uma parte integrante de São Luís.

A função administrativa ainda prevalece, a Câmara Municipal, bem como a sede do Governo do Estado e da Prefeitura Municipal. Além desses, outros órgãos públicos podem ser identificados pelo Centro, entre esses: o Tribunal de Justiça do Maranhão; a Capitania dos Portos do Maranhão; Secretarias Municipais e Estaduais, além de outros. Este panorama reflete o viés administrativo que a região central ainda exerce, fazendo uso de inúmeros edifícios históricos, que servem como ambiências de trabalho para funcionários desses órgãos.

O aspecto religioso permanece presente no Centro, e assim como a função administrativa, continua a deter relevância perante a população local, o conjunto de igrejas construído durante o período colonial continua a fazer parte da paisagem do Centro, atraindo dessa forma religiosos, bem como turistas, estudiosos e demais interessados. A função portuária, em função da expansão urbana, teve que ser realocada para o então criado complexo industrial de São Luís, local onde estão presentes inúmeras indústrias, assim, o porto é mais um elemento que passou a integrar o referido complexo.

A atividade comercial continua presente no Centro, entretanto, se difere da realizada durante o período colonial maranhense, uma vez que não é a principal responsável pelo abastecimento de toda a população ludovicense, e também pela diversidade dos produtos comercializados. Atualmente os comerciantes atuantes na região central de São Luís são artesãos, que se concentram, sobretudo no Mercado das Tulhas ou em suas imediações e comercializam produtos relacionados à cultura local como: peixes, farinha, cachaças e outros.

Juntamente com estes agentes, estão presentes também novos setores comerciais no Centro, no papel de bares, restaurantes, hotéis e outros segmentos que se instalaram neste espaço em razão do surgimento de um novo uso no local, que é o turístico. Através de incentivo do poder público, fazendo uso da notoriedade que a titulação concedida pela UNESCO, em 1997, de patrimônio cultural da humanidade. Assim, o Centro de São Luís passa a ser concebido como ambiência correlata também ao turismo, função que não detinha em séculos anteriores.

Este fato é consumado através de uma estratégia de promoção do local, que foi preparado durante décadas do século XX, com investimentos do poder público, com ênfase para as ações provenientes do Programa de Preservação e Revitalização do Centro Histórico de São Luís (PPRCHSL), política que detinha como intuito realizar obras de reestruturação no Centro, uma vez que este apresentava inúmeros problemas relacionados à abandono de casarões, riscos de desabamento e outros.

Em razão dessa realidade, o PPRCHSL, iniciado em 1979 e finalizado em 2006, teve ao longo de sua duração o cumprimento de seis etapas, que consistiram em reformar as estruturas do Centro ludovicense: casarões, ruas, praças, iluminação. Esse momento fazia parte da estratégia governamental para readequar o local para a implementação de novas funcionalidades, dentre essas, o uso turístico possui maior ênfase. Junta-se a isto, a titulação de patrimônio conquistada, fator que possui relação direta com as ações executadas pelo PPRCHSL, uma vez que essa política contribuiu para a restauração e preservação do conjunto arquitetônico presente na região central de São Luís, deste modo, a UNESCO reconheceu a relevância do Centro da capital maranhense, o concebendo como um patrimônio mundial.

Dessa forma a atividade turística fora desenvolvida no local, atraindo assim um número importante de visitantes que passaram a vislumbrar o local como uma espécie de museu à céu aberto, em razão da preservação de elementos que contam a história da capital maranhense. Este momento também contribui para o crescimento por parte da sociedade local, de um sentimento de salvaguarda do Centro, sendo este utilizado como ambiente voltado ao lazer, com ênfase para os passeios que oportunizam a observação dos casarões, mas também a visita a museus e demais casas de cultura presentes no local que expressam aspectos da cultura maranhense. As praças e as igrejas também são espaços de visitação tanto de turistas, como de moradores locais.

É interessante observar também o surgimento da alcunha de Centro Histórico, que se populariza durante a execução do PPRCSL. Igualmente a tendência já vigente em outras cidades à nível mundial, que passam a ser concebidas como sítios históricos, após receberem a titulação de patrimônio por parte da UNESCO. Seguindo este panorama, o Centro de São Luís passa a ser reconhecido como Centro Histórico.

Portanto, ao longo do tempo, as dinâmicas urbanas inerentes à ilha do Maranhão colaboraram para a alternância de usos e funções do Centro, embora a configuração paisagística tenha sido preservada, e possua formas constituídas em outros séculos, os agentes, os usos e as funcionalidades dos casarões, ruas, praças e demais espaços presentes no Centro foram modificados. Este quadro expressa uma realidade habitual do espaço geográfico, que é o dinamismo inerente à relação espacial e temporal, fenômeno importante a ser observado e discutido por geógrafos e geógrafas. Dessa forma, é interessante observarmos as décadas seguintes, a fim de apreender quais rumos o Centro ludovicense seguirá, de modo a discutir as suas implicações para a sociedade local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a concretização do presente estudo, constatou-se que o Centro de São Luís ainda se notabiliza como uma das principais áreas presentes no espaço urbano da capital maranhense. Seja em virtude de ser o núcleo incipiente da maior cidade maranhense, pelo aspecto histórico, que remonta o período colonial, ou por resguardar o conjunto arquitetônico de origem portuguesa que confere ao local o título de patrimônio mundial.

E para além dos aspectos citados, a importância e relevância do Centro para a população local nos dias atuais também chama atenção. O lugar abriga sedes governamentais dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário do Maranhão. Além desse fato, fora transformado em um dos principais espaços de lazer da capital, atraindo inúmeros visitantes para o Centro, em virtude da sua distinta configuração paisagística, mas também em razão de expressões culturais locais que podem ser identificadas pelas ruas, praças e outros espaços que integram o Centro. As igrejas, o comércio, assim como a atividade turística conferem a essa parte do território ludovicense uma configuração paisagística que expressa permanências, mas também transformações.

Todo esse conjunto de atividades, usos e funcionalidades conferem ao Centro ludovicense uma singularidade no espaço urbano da capital. Embora este fato seja observado de forma explícita em virtude do fator paisagístico, não nos referimos apenas a essa faceta. As relações da população local para com essa área seguem uma padronização mundial sobre esse tipo de espaço, que engloba o aspecto da contemplação. Atualmente a área é concebida como um ambiente histórico, que precisa ser resguardado e enaltecido em virtude de apresentar elementos datados de séculos antepassados, além de possuir a titulação de patrimônio, que soma-se ao processo de difusão desse ideário

Contudo, o Centro também apresenta um uso comercial, que está personificado no conjunto de comerciantes que atuam no local, sejam artesãos, ambulantes, bares, restaurantes e feirantes. Esses agentes se estabelecem nessa área em virtude, sobretudo, de outras funcionalidades que o Centro adquiri ao longo do tempo, entre essas o uso turístico e de lazer. Dessa forma, é comum atualmente a presença de turistas nacionais e internacionais neste espaço, além da população local, que visita a área constantemente em função do uso recreativo do Centro. Portanto, ainda hoje têm-se uma simbiose importante relacionada aos usos e funções presentes no Centro, fator que converge para sua preservação e também para sua readequação durante distintas épocas e modelos de sociedade.



REFERÊNCIAS

ABREU, M. de A. Sobre a memória das cidades. **Revista Território**, v. 3, n. 4, p. 5-26, 1998.

BURNETT, F. L. **São Luís por um triz**: escritos urbanos e regionais. São Luís: Editora UEMA, 2011.

FERREIRA, A. J. de A. **A produção do espaço urbano em São Luís do Maranhão**: passado e presente; há futuro?. São Luís: EDUFMA, 2014.

FIGUEIREDO, M. Influência pombalina na morfologia urbana de São Luís do Maranhão. **Convergência Lusíada**, v. 25, n. 32, p. 168-180, 2014.

GOOGLE EARTH. **Website**. Disponível em: <<http://earth.google.com/>> Acesso realizado em: 27 out. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **DOWNLOADS**. 2019. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/downloads-geociencias.html>>. Acesso realizado em 11 ago. 2023.

INSTITUTO PRÓ-MEMÓRIA DO MARANHÃO. **SÃO LUÍS**. 2019. Disponível em: <<https://promem.org.br/quem-somos/>> . Acesso 14 ago. 2023.

LOPES, J. A. V. **São Luís, Cidade Radiante**: o plano de expansão da cidade de São Luís do eng. Ruy Ribeiro de Mesquita (1958). São Luís: FAPEMA, Gráfica e Editora Sete Cores, 2016.

MARTINS, A. **São Luís Fundamentos do Patrimônio Cultural, Séculos XVII, VXIII e XIX**. 4º Edição. Teresina: Halley S. A. Gráfica e Editora, 2012.

MEIRELES, M. M. **História de São Luís**. São Luís: Edições AML, 2015.

PRADO, B. I. W. **Paisagem Urbana de São Luís**: transformação das formas e arranjos naturais na Ponta d'Areia. São Luís: Editora BIWP, 2016.

SILVA, N. **SÃO LUÍS**: ilha ou metrópole?. 2ª edição, São Luís: NS Editor, 2012.

SIMONSEN, R. C. **História econômica do Brasil: 1500-1820**. Brasília: Edições do Senado Federal, v. 34, 2005.

VASCONCELOS, P. de A. **Salvador**: transformações e permanências (1549-1999). 2º Ed. Salvador: EDUFBA, 2016.